ESHOJE®

Fundado em 19 de julho de 2000
por Carlos Roberto Coutinho

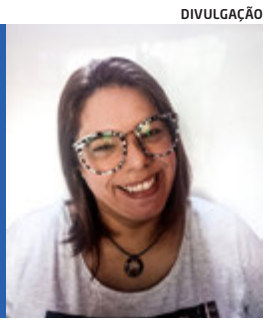
Vitória, 18 de novembro de 2026)) Ano XXV)) Nº 1428
Edição Gratuita Diário)) www.eshoje.com.br

/eshoje @eshoje eshoje eshoje

DIVULGAÇÃO

ARTIGO

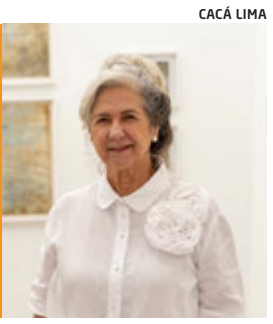
A fé que atravessa as gerações e fortalece a identidade de um povo))2



CACÁ LIMA

CULTURA

Arte e novos encontros marcam coletiva com 43 artistas em Vitória))4



Histórias capixabas que a escravidão tentou apagar

Registros históricos revelam laços de famílias negras no Espírito Santo e expoem os desafios de reconstruir a ancestralidade após apagamento)) 3

DIVULGAÇÃO/PMG



ANDREA DOS SANTOS

A fé e a identidade de um povo

Há quase 30 anos, Canindé entrou na minha vida e passou a fazer parte da minha história. Sou carioca e casada com um canindeense há quase três décadas. Nesse tempo, fui conhecendo as tradições da cidade e percebendo como a fé está presente na maneira de viver de seus moradores.

Em Canindé, a devoção não fica restrita às igrejas ou aos dias de festa. Ela aparece nas histórias contadas em família, nas promessas, nas viagens dos romeiros e no vínculo que muitos mantêm com a terra onde nasceram. Foi convivendo com essas manifestações que compreendi como a fé também participa da identidade de um povo.

A devoção a São Francisco das Chagas me mostrou que uma tradição religiosa pode atravessar gerações sem perder o significado para quem a vive. Em Canindé, no sertão central do Ceará, pais e filhos compartilham costumes e lembranças que ajudam a manter essa ligação.

Vejo a fé em São Francisco das Chagas como um ato de resistência. Diante da seca, da falta de água e das preocupações com a saúde e o bem-estar da família, o povo continua lutando. É nesse sentido que entendo a fé também como um ato político: não como disputa partidária, mas como uma maneira de resistir às dificuldades e seguir em frente. Na devoção a São Francisco das Chagas, muitos encontram coragem para enfrentar o dia seguinte.

Todos os anos, durante a festa de São Francisco, o marrom das roupas dos romeiros toma conta de Canindé. As famílias chegam de ônibus, de carro e de motocicleta. Há também quem percorra longos trechos a pé, muitas vezes no fim da tarde ou à noite, para fugir do calor. Quando observo essas caminhadas, não vejo somente sacrifício. Vejo, sobretudo, agradecimento pelas graças que cada pessoa acredita ter recebido.

Nas missas e na Casa dos Milagres, os pedidos e os objetos deixados pelos fiéis representam a fé e o agradecimento pelas bênçãos alcançadas, especialmente relacionadas à saúde. São gestos que carregam histórias pessoais de devoção e gratidão.

Ao longo desses anos, aprendi que a romaria não diz respeito apenas a quem chega à cidade para cumprir uma promessa. Ela também marca a vida de Canindé, que recebe os visitantes e mantém viva uma tradição passada de pais para filhos. A fé no sertão funciona como um alento e uma força motivadora.



ESHOJE
ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS

A opinião dos colunistas não reflete o posicionamento do veículo.

TIRAGEM: Publicação digital e impressa
CIRCULAÇÃO: Grande Vitória e digital
PERIODICIDADE: Diários

Rua Carlos Lindenberg, 40.
Ed San Gennaro, sala 201. Jardim Camburi. Vitória ES. Cep 29092-110
Tel. 27 2180-0678
www.eshoje.com.br
redacao@eshoje.com.br

DIRETOR GERAL
Carlos Roberto Coutinho
carlos@eshoje.com.br

DIRETORA ADMINISTRATIVA
Bianca Coutinho
bianca@eshoje.com.br

DIRETORA DE REDAÇÃO
Danieleh Coutinho - MTB/ES 2694-JP
danihcoutinho@eshoje.com.br

PROJETO GRÁFICO
Renon Pena de Sá
www.ellaform.com.br

FOTOGRAFIAS
Arquivo
redacao@eshoje.com.br

DIAGRAMAÇÃO
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

REDAÇÃO
Carolina Boueri
Eduardo Alencar
Esthefany Mesquita
Giulia Reis
Karla Silveira
Mariana Cicilioti
PH Caetano
Pedro Rocha

SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS:
/eshoje
@eshoje
eshoje
eshoje

O que os sobrenomes não falam sobre nossas raízes

Documentos e memórias familiares ajudam a recuperar histórias apagadas pela escravidão

CAROLINA BOUERI
jornalismo@eshoje.com.br

Em um inventário de 1867, produzido em Cachoeiro de Itapemirim, aparecem os nomes de Joaquim, um africano escravizado, sua esposa e quatro filhos: Nicolau, Saturnino, Rachel e Autão. A família vivia na Fazenda São João da Mata. O documento recupera parte da trajetória de pessoas registradas como propriedade, mas que construíram laços familiares.

O caso é apresentado no estudo "Laços familiares, escravidão e liberdade no Espírito Santo", que relaciona a história da fazenda à formação da comunidade quilombola de Monte Alegre. O registro não permite identificar descendentes atuais, mas ajuda a reconstituir histórias familiares.

O primeiro obstáculo costuma estar no nome. Pessoas escravizadas eram frequentemente registradas sem sobrenome. A pesquisa exige cruzar nomes de proprietários, localidades, datas e parentescos.

A historiadora Laryssa da Silva Machado, que estuda famílias escravizadas em Itapemirim, explica que o trabalho depende tanto dos arquivos quanto da memória transmitida entre gerações. "Quando os antepassados de uma família negra deixaram alguma informação sobre os nomes e localidades dos ancestrais que foram escravizados, é possível encontrar esses documentos. Mas, para isso, precisa de um trabalho aguçado de pesquisa documental e relatos orais, que ajudam a preencher as lacunas das informações", afirma

DIVULGAÇÃO



> "As pesquisas sobre famílias cativas coloca pessoas invizibilizadas em destaque"
>
> **Laryssa Machado,** historiadora

Os livros de batismo oferecem pistas preciosas. Segundo Laryssa, eles costumavam registrar o nome da mãe e, quando a paternidade era reconhecida, também o do pai. Padrinhos e madrinhas revelam outros vínculos. Em sua pesquisa, ela encontrou crianças de fazendas diferentes batizadas em cerimônias que envolviam pessoas de outras localidades. Ela considera possível que fossem ocasiões para rever parentes e amigos.

"Isso não é uma tentativa de romantizar a escravidão, mas apresentar um tipo de relação social que esse grupo vivenciava", ressalta. Mesmo no cativeiro, havia famílias e redes de apoio.

MULHERES E MEMÓRIAS

As mães ocupam lugar central nessas investigações. Em muitos registros, é por meio delas que se consegue estabelecer uma ligação entre gerações. Laryssa chama atenção para as mulheres que criavam filhos também escravizados, muitas vezes sem a presença de um pai identificado nos documentos.

"Muda porque damos protagonismo aos cativos, na maioria das vezes, mulheres, que eram mães solo de crianças também escravizadas. As pesquisas sobre famílias cativas mudam a perspectiva da sociedade, coloca essas pessoas que sempre foram invisibilizadas em um papel de destaque", diz.

As lacunas não são apenas resultado da passagem do tempo. Inventários e registros religiosos foram produzidos para atender às necessidades de seus autores, e não para preservar a memória de quem era escravizado. Escrivães e párocos deixavam de anotar parentescos e lugares de origem. Quando um africano tinha a procedência registrada, por exemplo, ela podia indicar o porto de embarque, não o povo ao qual pertencia.

No Espírito Santo, Laryssa destaca pesquisas sobre Vitória, Cachoeiro de Itapemirim e Itapemirim. A região sul concentrou grande parte da população africana escravizada da província, enquanto a expansão do café elevou a concentração de cativos em Cachoeiro. Parte dos documentos está preservada e digitalizada no Arquivo Público do Estado. Outros continuam em igrejas e cartórios, onde as condições de conservação e acesso variam.

ILUSTRAÇÃO/ESHOJE



As memórias repassadas pelos mais velhos são importantes para traçar o caminho ancestral

Por onde começar a procurar

QUEM DESEJA pesquisar as próprias origens não precisa começar por um arquivo distante. A recomendação de Laryssa é conversar primeiro com os familiares mais velhos e anotar nomes, apelidos, fazendas e localidades onde os antepassados viveram. Essas informações podem orientar a busca posterior em registros de batismo, casamento, óbito e inventários.

A historiadora lembra a tradição dos griôs, guardiões da memória familiar e comunitária em diferentes culturas africanas. "Essas memórias poderão ser a bussola necessária para se encontrar os antepassados perdidos", afirma. Ela adverte, porém, que a falta de sobrenomes e de registros pode inviabilizar parte das buscas.

> "O trabalho depende dos arquivos e da memória transmitida entre gerações"
>
> **Laryssa Machado,** historiadora

ILUSTRAÇÃO/ESHOJE



Plataforma colaborativa de documentos será lançada dia 23

Uma iniciativa do Arquivo Público do Espírito Santo, o projeto "Afrogêneses — De que África viemos", tem lançamento anunciado para 23 de novembro, no Centro de Vitória. A proposta é reunir documentos, relatos orais e informações de ancestralidade em uma plataforma colaborativa. A iniciativa não dispensa a comprovação dos vínculos familiares.

Para Laryssa, é importante também levar ao público o conhecimento já produzido nas universidades. Neste Dia da Consciência Negra, a investigação das origens oferece outra maneira de olhar para o passado: por trás de cada nome incompleto nos arquivos, houve uma pessoa com relações, afetos e uma história que merece ser conhecida.

OÁ Galeria encerra ano de 2026 com coletiva de arte

Exposição Sementes de Sonhos reúne 43 artistas visuais em Vitória e propõe encontros

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

A OÁ Galeria, espaço referência para as artes visuais em Vitória, encerra seu calendário expositivo de 2026 com a mostra coletiva Sementes de Sonhos. Com curadoria assinada pela galerista e artista Thais Hilal e texto crítico de Rodrigo Hipólito, a exibição entrou em cartaz no dia 7 de novembro e segue aberta à visitação pública até 18 de fevereiro de 2027, atravessando a virada do ano. A proposta reúne obras integrantes do acervo histórico da casa lado a lado com produções de artistas convidados, estabelecendo encontros inéditos entre pesquisas estéticas, suportes materiais e linguagens diversas.

O eixo conceitual da exposição toma a semente como imagem-síntese daquilo que guarda potências e possibilidades ainda não realizadas. A curadoria parte da premissa de que uma obra de arte, de maneira análoga a uma semente que se transforma conforme o solo e as condições climáticas em que germina, adquire novos sentidos de acordo com o espaço arquitetônico que ocupa, as peças com as quais convive e o olhar do público que a interpela. Longe de apresentar um recorte fechado ou retrospectivo, a montagem assume a criação artística como um campo permanentemente aberto à mutação.

CACÁ LIMA



> **“Às vezes, basta uma visita para começar uma relação mais próxima com a arte e cada um cultiva a seu modo”**

CACÁ LIMA



Obras de 43 artistas visuais estão reunidas na OÁ Galeria, com curadoria de Thais Hilal

Essa diretriz reflete-se diretamente na expografia. Ao articular trabalhos que já compõem a trajetória institucional da OÁ com criações trazidas especialmente para o projeto, a curadoria provoca aproximações que dificilmente ocorreriam em outros contextos. Produções de origens geográficas, técnicas e temporalidades distintas passam a coexistir no mesmo ambiente, estimulando o atrito produtivo entre poéticas e fazendo brotar leituras inesperadas. O acervo deixa de atuar apenas como arquivo do que já foi exibido para converter-se em terreno fértil para novas relações visuais.

Ao todo, 43 artistas participam da coletiva. A representação do Espírito Santo reúne nomes consolidados e emergentes, entre eles Ana Luzes, Bárbara Carnielli, Fredone Fone, Hilal Sami Hilal, Polliana Dalla Barba, Renato Ren, Rick Rodrigues e Yiftah Peled. Os criadores capixabas dividem o espaço expositivo com artistas provenientes de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, promovendo um intercâmbio direto entre a produção local e outros circuitos relevantes do país.

O texto crítico de Rodrigo Hipólito acompanha esse percurso e situa a iniciativa como um gesto de abertura ao tempo e à descoberta. Ao optar pelo tema da germinação para fechar o ciclo de 2026, a galeria projeta o futuro e sugere que todo encerramento inaugura novos começos. Na entrevista a seguir, Claudia França analisa o diálogo entre acervos, curadoria e o fortalecimento do circuito contemporâneo no Espírito Santo.

ES Hoje: Por que a semente como metáfora?

Thais Hilal: A exposição convida a pensar a arte como um campo aberto à transformação. Assim como uma semente encontra diferentes condições para germinar, uma obra pode adquirir novos sentidos conforme os encontros que estabelece com o espaço, outras obras e o público. Nenhuma obra se esgota quando fica pronta ou quando é exposta pela primeira vez. Ela segue viva e muda de acordo com o lugar e com as pessoas que a recebem.

Fim de ano é fim de ciclo, mas novo começo...

Para o fim do ano, pensamos menos num balanço do que foi feito e mais no que pode acontecer daqui para a frente, naquilo que está guardado esperando a hora de brotar. Depois de um ano intenso de exposições, fazia sentido terminar falando de começo. Os sonhos do título têm a ver com isso. São desejos e projetos que ainda não tomaram forma, mas que já contêm o que podem vir a ser.

O que acontece quando obras do acervo convivem com trabalhos de artistas convidados?

Elas tanto podem ser percebidas em sua individualidade como em sua aproximação com o todo, e esse diálogo potencializa o conjunto. Cada trabalho guarda a força da pesquisa do artista, e isso não se perde. Na companhia de peças diferentes, porém, ele revela aspectos que sozinho poderia esconder. Uma obra que o público já viu em outras exposições aqui ganha outra leitura perto de quem chega agora à galeria. Esse convívio mostra também que o acervo da OÁ continua em movimento. Quem vier vai rever o que já conhece e encontrar artistas que ainda não tinha visto. Montar essas aproximações, decidir o que fica ao lado do quê, foi a parte mais prazerosa da curadoria.

O que você espera que germine no público depois da visita?

Que desperte no público o benefício da convivência com a arte em sua vida. Gostaria que as pessoas saíssem com vontade de voltar e de trazer a arte para o dia a dia, sem esperar uma ocasião especial. A semente é pequena e precisa de tempo e cuidado para crescer. Às vezes, basta uma visita para começar uma relação mais próxima com a arte, que cada um vai cultivar do seu modo. Penso, por exemplo, em quem nunca entrou numa galeria e descobre que esse espaço também é dele. O que fica com o visitante pode demorar a germinar, e está tudo bem.

CACÁ LIMA



Mostra coletiva "Sementes dos Sonhos" segue até 18 de fevereiro